O Genocídio Esquecido - França, Portugal e a (Velha) Ordem Satânica

Gal Laiko

O Genocídio Esquecido - França, Portugal e a (Velha) Ordem Satânica

Caros leitores, preparai-vos para uma viagem pelo corredor ensanguentado da História, onde as máscaras caem e as verdades inconvenientes emergem como cadáveres boiando no Sena. Sentai-vos confortavelmente, porque o que vos espera não é para estômagos fracos nem para mentes colonizadas pela propaganda republicana que nos enfiam goela abaixo desde os bancos escolares.

Introdução

Comecemos pelo princípio, ou melhor, pelo fim – o fim das monarquias cristãs que Deus estabeleceu para governar os Seus amados, os verdadeiros herdeiros da Promessa que habitavam a Europa Ocidental. Não vos enganeis: as revoluções sangrentas que devastaram Portugal e França não foram movimentos espontâneos do "povo oprimido" a clamar por liberdade. Não, meus amigos. Foram golpes meticulosamente orquestrados pelas crias de Samael, aqueles que Cristo identificou como pertencentes à Sinagoga de Satanás, auxiliados pelos seus lacaios maçons – essa confraria de traidores que juraram fidelidade aos arquitectos das trevas.

A Vendeia! Ah, a Vendeia! Este nome deveria ressoar através dos séculos como um grito de alerta, mas em vez disso foi cuidadosamente varrido para debaixo do tapete da História oficial. Entre 1793 e 1794, nas planícies e bocages daquela região francesa, desenrolou-se aquilo que Reynald Secher ousou chamar pelo seu nome verdadeiro: genocídio. Não um massacre qualquer, não uma "repressão necessária", mas um extermínio sistemático, premeditado e executado com eficiência diabólica contra os missionários de Cristo que ali viviam em paz.

Os "liberais" revolucionários de Paris, esses iluminados discípulos de Voltaire e Rousseau (cujas filosofias foram financiadas e promovidas pelas mesmas mãos que negociaram a crucificação do Ungido), decidiram que a Vendeia era demasiado católica, demasiado fiel ao Rei, demasiado apegada às tradições dos seus antepassados – os verdadeiros herdeiros da Promessa que haviam migrado através das eras desde a Palestina até às terras célticas e francas. E qual foi a solução encontrada? Simples: extermínio total.

O general Turreau, esse adorável cavalheiro da República, recebeu ordens explícitas: "As vossas tropas

vão exterminar os bandidos até ao último homem." Notai bem a linguagem: não "combater rebeldes", não "suprimir a insurreição", mas **exterminar**. As colunas infernais – Les Colonnes Infernales – marcharam através da Vendeia com uma missão clara: matar tudo e todos. Homens, mulheres, crianças, idosos, grávidas. Queimaram igrejas com os fiéis dentro, violaram freiras, massacraram padres nos altares, afogaram famílias inteiras no Loire naquilo que os revolucionários, com o seu fino humor satânico, chamavam de "casamentos republicanos" – um homem e uma mulher amarrados nus e atirados ao rio para se afogarem juntos.

Mas porquê? Porquê tanto ódio dirigido especificamente contra os amados de Cristo que habitavam aquelas terras? Porque a Vendeia representava tudo aquilo que as crias de Samael desprezam: uma sociedade hierárquica e ordenada segundo os desígnios divinos, onde o camponês respeitava o nobre, onde o padre era venerado, onde as antigas tradições dos povos céltico-israelitas permaneciam vivas. A Vendeia não aceitou os padres constitucionais impostos pela República – aqueles traidores que juraram lealdade ao Estado em vez de a Deus. Os vendeanos permaneceram fiéis aos seus sacerdotes refractários, aqueles que recusaram trair o Ungido.

E aqui estabelecemos a primeira conexão vital entre as duas revoluções: tanto em França como em Portugal, o alvo primário foi sempre a Santa Madre Igreja e as monarquias divinamente estabelecidas. Em Portugal, as invasões francesas de 1807-1811, pretensamente motivadas por conflitos napoleónicos, serviram propósitos mais profundos. Os exércitos revolucionários franceses não vieram apenas conquistar território; vieram espalhar o vírus revolucionário, profanar igrejas, saquear conventos, massacrar religiosos e preparar o terreno para futuras revoluções liberais que assolariam Portugal durante todo o século XIX.

Recordai 1834, quando os governos liberais em Portugal decretaram a extinção das ordens religiosas. Não foi um acto administrativo neutro – foi um ataque deliberado contra os missionários de Cristo, contra aqueles que preservavam o conhecimento sagrado, que educavam o povo, que cuidavam dos pobres. Os frades e monges foram expulsos, os conventos saqueados, as bibliotecas dispersas ou queimadas. Quantos manuscritos preciosos, quantos registos genealógicos que provavam as linhagens dos herdeiros da Promessa nas terras ibéricas foram deliberadamente destruídos?

As propriedades da Igreja foram confiscadas e vendidas em hasta pública – e adivinhai quem as comprou? Exactamente: os mesmos financeiros, muitos deles ligados às redes maçónicas internacionais, que haviam financiado a revolução. Um padrão que se repete: revolução, confiscação, concentração de riqueza nas mãos dos revolucionários. Curioso, não é? Uma revolução do "povo" que enriquece sempre os mesmos grupos.

Voltemos à Vendeia, porque os horrores ali perpetrados merecem ser expostos em detalhe gráfico que nenhum manual escolar ousa apresentar. O general Westermann, após uma de suas campanhas de extermínio, escreveu orgulhosamente à Convenção Nacional: "Não há mais Vendeia. Morreu sob a nossa espada livre, com as suas mulheres e crianças. Acabo de enterrar um povo inteiro nos pântanos e bosques de Savenay. Executei as minhas ordens. Esmagámos crianças sob os cascos dos nossos cavalos, massacrámos mulheres que assim não gerarão mais bandidos. Não tenho um prisioneiro para me censurar. Exterminei todos."

Lede isto novamente. Deixai que penetre nas vossas mentes. Este não é testemunho de inimigos da Revolução; são as próprias palavras dos revolucionários, orgulhosos das suas atrocidades. Crianças esmagadas sob cascos de cavalos. Mulheres massacradas preventivamente para impedir futuras gerações. E este monstro não foi punido – foi condecorado!

Os métodos eram variados e criativos na sua crueldade. Desenvolveram-se fornos especiais em Nantes para queimar os corpos – predecessores tecnológicos de horrores futuros do século XX. Experimentaram-se técnicas de afogamento em massa: barcaças carregadas com prisioneiros eram afundadas no Loire. Conta-se que o rio ficava vermelho de sangue e que durante meses os cadáveres boiavam até ao mar. Os curtumes revolucionários – e aqui a maldade alcança níveis shakespearianos – utilizavam pele humana dos vendeanos mortos para fazer botas e calças para os oficiais republicanos. Não é invenção: está documentado que um cirurgião chamado Pecquel foi instruído a curtir peles humanas, sendo a pele dos homens considerada superior em qualidade.

Quereis saber o que isto nos ensina? Que quando se rejeita Deus, quando se proclama que o homem é a medida de todas as coisas, quando se substitui a lei divina pela "vontade geral" de Rousseau, não há limite para a barbárie. Os revolucionários franceses, embriagados com as suas ideias iluministas, convenceram-se de que estavam a construir um mundo novo e perfeito. E para construir esse paraíso terrestre, era necessário eliminar fisicamente todos aqueles que representavam o mundo antigo – especialmente os amados de Deus que se recusavam a adorar no altar da Razão.

E aqui chegamos ao cerne teológico da questão: estas revoluções não foram primariamente políticas nem económicas. Foram espirituais. Foram a manifestação temporal da guerra eterna entre a semente da Mulher e a semente da Serpente, profetizada em Génesis 3:15. As monarquias cristãs da Europa, por todos os seus defeitos humanos, representavam ordem divina, hierarquia celestial reflectida na Terra. Os reis eram ungidos – literalmente ungidos com óleo sagrado, estabelecendo uma ligação sacramental entre o governante e o Criador.

Quando os revolucionários decapitaram Luís XVI em Janeiro de 1793, não mataram apenas um homem. Executaram um sacramento vivo. Profanaram propositadamente a unção divina. E não por acaso o julgamento e execução do rei foram meticulosamente planeados como um ritual invertido, uma missa negra política. O calendário revolucionário aboliu os domingos e festas cristãs, substituindo-os por décadas seculares. A Catedral de Notre-Dame foi transformada em Templo da Razão, onde uma actriz semi-nua foi entronizada como Deusa Razão. Não vos parece familiar este padrão de inversão, de profanação deliberada do sagrado?

Em Portugal, embora os métodos fossem inicialmente menos sangrentos que na França, o objectivo permanecia idêntico. As revoluções liberais de 1820, 1836, 1910 – cada uma avançava mais um passo na demolição da ordem tradicional. A revolução republicana de 1910 foi particularmente reveladora: atacou ferozmente a Igreja, expulsou ordens religiosas, confiscou propriedades, proibiu o ensino religioso, e instaurou um regime virulentamente anti-católico. Os líderes republicanos, muitos deles maçons confessos, não escondiam o seu ódio à fé dos seus antepassados.

E quem financiava estes movimentos revolucionários? Segui o dinheiro, caros leitores, segui sempre o dinheiro. As redes financeiras internacionais, frequentemente ligadas às mesmas famílias que controlavam os bancos centrais europeus, tinham profundo interesse na queda das monarquias. Porquê? Porque reis cristãos tradicionais, apesar de frequentemente contraírem empréstimos, reconheciam limites morais à usura e mantinham alguma independência. Repúblicas endividadas, governadas por políticos corruptíveis e temporários, eram muito mais maleáveis.

Observai o padrão: revolução → endividamento massivo do novo regime → venda de propriedades confiscadas → concentração de poder económico. Na França revolucionária, os assignats (papel-moeda revolucionário) criaram hiperinflação que destruiu as poupanças do povo comum enquanto especuladores conectados enriqueceram comprando propriedades confiscadas por ninharias. Em Portugal, após cada convulsão liberal, a dívida nacional aumentava exponencialmente, tornando o país dependente de credores internacionais.

Mas regressemos aos horrores concretos da Vendeia, porque é essencial compreender a natureza genocida desta campanha. O termo "genocídio" é legalmente preciso: havia intenção deliberada de destruir um grupo específico – os católicos monárquicos da Vendeia – por razões de identidade religiosa, cultural e política. As ordens escritas preservadas nos arquivos não deixam margem para dúvida. O deputado Carrier, responsável pelos afogamentos em massa em Nantes, declarou explicitamente: "Formaremos um cemitério de França antes de não a regenerarmos à nossa maneira."

Regeneração. Notai esta palavra. Para regenerar, deve-se primeiro destruir completamente. É a mesma lógica que vemos repetida em todas as revoluções subsequentes: bolchevique, maoísta, cambojana. Destruir completamente a velha ordem, exterminar as velhas classes, criar o "homem novo". E este homem novo deve ser desenraizado, sem ligação à tradição, à família, à fé – um átomo isolado, perfeitamente manipulável pelo Estado totalitário.

Os vendeanos, na sua resistência heroica, representavam exactamente o oposto. Eram profundamente enraizados: na terra que cultivavam há gerações, nas paróquias onde os seus antepassados estavam enterrados, nas tradições que remontavam aos seus ancestrais céltico-israelitas. Lutavam sob estandartes com o Sagrado Coração de Cristo, gritando "Deus e o Rei!" – slogan que encapsulava perfeitamente a ordem tradicional que defendiam.

A revolta começou em Março de 1793, quando a Convenção decretou recrutamento militar forçado de 300.000 homens. Os camponeses vendeanos recusaram-se a servir num exército que fuzilava padres e profanava igrejas. Pegaram em armas não por ambição política, mas em legítima defesa da fé e das suas comunidades. Inicialmente, conseguiram vitórias espectaculares contra as tropas regulares republicanas, demonstrando que camponeses motivados pela fé podiam derrotar exércitos profissionais.

Mas a República mobilizou recursos massivos. Enviou não apenas soldados, mas também cientistas – sim, cientistas! – para encontrar métodos eficientes de extermínio em massa. Discutiu-se seriamente na Convenção o uso de gás venenoso contra os vendeanos. Um químico chamado Fourcroy investigou a possibilidade de envenenar os poços de água. Outros propuseram espalhar doenças deliberadamente entre a população. Estas propostas de guerra química e biológica em 1793 demonstram que a mentalidade totalitária moderna nasceu precisamente na Revolução Francesa.

Em Portugal, embora não atingindo a escala genocida da Vendeia, as perseguições religiosas durante os períodos liberais e republicanos revelam idêntica mentalidade. Padres foram assassinados, freiras violadas, igrejas profanadas. Durante a revolução de 1910, turbas atacaram conventos, exumaram cadáveres de freiras para os exibir publicamente numa obscena paródia anticlerical. As religiosas do Convento de São Domingos em Lisboa foram expulsas violentamente, e o convento transformado em quartel militar.

Aqui se manifesta o mesmo ódio visceral contra a virgindade consagrada, contra aqueles que

renunciaram ao mundo para servir o Altíssimo. Porquê tanto ódio específico contra monges e freiras? Porque representam a rejeição total do materialismo, do hedonismo, da cosmovisão secular. A sua própria existência é uma acusação viva contra o mundo moderno. Por isso devem ser eliminados ou, no mínimo, ridicularizados e marginalizados.

A conexão entre as revoluções portuguesa e francesa torna-se ainda mais evidente quando examinamos a influência directa dos exércitos napoleónicos em solo português. Durante as invasões francesas, os soldados revolucionários não se limitaram a combater o exército português. Sistematicamente saquearam igrejas, destruíram imagens sacras, roubaram cálices e relicários, violaram freiras. Em Alcobaça, o magnífico mosteiro cisterciense foi saqueado; inestimáveis manuscritos medievais foram destruídos ou dispersos. Em Mafra, o convento-palácio foi vandalizado. Por todo o país, uma trilha de destruição marcava o avanço francês.

Mas isto não era mero vandalismo militar comum em tempo de guerra. Era iconoclastia ideológica. Os soldados revolucionários haviam sido doutrinados a odiar tudo o que fosse religioso. Cantavam a Carmagnola enquanto profanavam altares. Era guerra total não apenas contra um exército inimigo, mas contra Cristo e os Seus amados que habitavam a península ibérica.

E os traidores locais? Ah sim, sempre há traidores locais. Em Portugal, a maçonaria crescia nas sombras, recrutando descontentes entre a pequena nobreza e a burguesia comercial. Estes homens, muitas vezes falidos ou ressentidos por não terem alcançado as posições que julgavam merecer, abraçavam as ideias revolucionárias. Reuniam-se secretamente em lojas, onde juravam lealdade a princípios abstractos e entidades nebulosas, traindo os juramentos de fidelidade ao Rei e a Deus que haviam feito publicamente.

Quando eclodiu a revolução liberal de 1820, foi esta rede maçónica que a orquestrou. O rei D. João VI, forçado a regressar do Brasil, deparou-se com um país transformado. A Constituição liberal de 1822 limitava drasticamente os poderes reais e atacava os privilégios da Igreja. Iniciava-se o longo processo de demolição da monarquia tradicional portuguesa – processo que só terminaria em 1910 com o regicídio travestido de revolução republicana.

Mas detenhamo-nos um momento neste conceito de regicídio, porque ele está no cerne da rebelião satânica contra a ordem divina. Quando Luís XVI foi guilhotinado, o carrasco mostrou a cabeça decepada à multidão que gritava "Vive la République!" Alguns correram para molhar os seus lenços no sangue real – numa paródia demoníaca das relíquias dos mártires cristãos. Este ritual de sangue marcava

simbolicamente a "morte de Deus" na esfera política, a rejeição definitiva da autoridade divina sobre as nações.

São Paulo escreveu em Romanos 13: "Não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por Ele instituídas." Os revolucionários rejeitaram explicitamente este princípio. Proclamaram que a autoridade emana do povo, da "vontade geral". Mas quem interpreta esta vontade geral? Os líderes revolucionários, naturalmente. E assim, em nome da "vontade do povo", implementaram o Terror: guilhotina funcionando incessantemente, delações incentivadas, prisões abarrotadas, execuções sumárias.

O Terror não foi um desvio da Revolução; foi a sua essência lógica. Robespierre, o "Incorruptível", disse claramente: "O terror nada mais é do que justiça rápida, severa, inflexível." E Saint-Just proclamou: "A República consiste na destruição de tudo o que se lhe opõe." Transparência total: eles diziam exactamente o que pretendiam fazer. Não se tratava de reformar o Ancien Régime; tratava-se de destruí-lo completamente e construir algo radicalmente novo sobre as suas ruínas.

E aqui chegamos a uma verdade incómoda que a historiografia liberal prefere ignorar: a Revolução Francesa foi o modelo, o protótipo, de todos os totalitarismos genocidas do século XX. Lenine estudou-a cuidadosamente e implementou os mesmos métodos: partido de vanguarda, terror sistemático, destruição das classes "reaccionárias", criação do homem novo. Mao seguiu o mesmo manual. Pol Pot levou-o às últimas consequências lógicas no Camboja. A linha é directa e ininterrupta.

Mas os revolucionários franceses tiveram um mérito particular: foram os primeiros a implementar genocídio ideológico na era moderna. Os vendeanos não eram inimigos estrangeiros; eram franceses. Mas eram franceses do tipo errado: católicos, monarquistas, tradicionais. Logo, deviam ser exterminados. Esta é a lógica totalitária pura: o Estado revolucionário arroga-se o direito de determinar quem merece viver e quem deve morrer baseado em critérios ideológicos.

Documentos preservados nos arquivos revolucionários revelam a dimensão da catástrofe. Estimativas conservadoras falam de 170.000 mortos na Vendeia, mas investigadores como Reynald Secher argumentam convincentemente que o número real pode ter ultrapassado 250.000 – numa região com população de cerca de 800.000. Ou seja, potencialmente um terço da população foi exterminada em pouco mais de um ano. Aldeias inteiras desapareceram. Linhagens familiares que remontavam a séculos foram completamente apagadas.

E qual foi a reacção da Europa cristã perante este genocídio? Praticamente silêncio. As outras monarquias europeias, ocupadas com as suas intrigas dinásticas e guerras de gabinete, não perceberam que na Vendeia se travava a batalha decisiva entre a civilização cristã e o novo mundo revolucionário. Quando finalmente acordaram para o perigo, era tarde demais. O génio revolucionário escapara da garrafa e espalhava-se pela Europa como um miasma espiritual.

Em Portugal, os ecos da Vendeia ressoaram nas guerras civis do século XIX. A Guerra Civil Portuguesa de 1832-1834 opôs liberais contra absolutistas – ou, para usar terminologia mais precisa, revolucionários contra tradicionalistas. Os liberais, apoiados pela Inglaterra maçónica, venceram. D. Miguel, o rei absolutista que representava a ordem tradicional, foi derrotado e exilado. Seguiu-se a já mencionada extinção das ordens religiosas e a implementação de "reformas" liberais que demoliram sistematicamente as estruturas sociais tradicionais.

Os miguelistas – apoiantes de D. Miguel – eram, à sua maneira, os vendeanos portugueses. Camponeses do Norte, profundamente católicos, pegaram em armas para defender o rei legítimo e a fé dos seus pais. Foram derrotados não por falta de coragem, mas porque enfrentavam forças militares modernas apoiadas por potências estrangeiras. E tal como os vendeanos, foram posteriormente vilipendiados pela historiografia oficial como "reaccionários", "fanáticos" e "obscurantistas".

Mas quem eram verdadeiramente os obscurantistas? Aqueles que defendiam a civilização cristã construída ao longo de mil anos, ou aqueles que prometiam um paraíso terrestre através da guilhotina? Aqueles que preservavam as tradições dos herdeiros da Promessa, ou aqueles que abraçavam ideologias importadas de filosofistas ateus?

O século XIX português é uma longa agonia da monarquia tradicional, entrecortada por golpes, contra-golpes, e instabilidade crónica. Cada nova "regeneração" liberal prometia progresso e prosperidade; cada uma entregava mais caos e endividamento. A única constante era o ataque incessante à Igreja. Conventos encerrados, propriedades confiscadas, ordens religiosas banidas, ensino religioso progressivamente eliminado. Era a secularização forçada de uma nação profundamente católica.

E não nos iludamos: esta secularização forçada é precisamente o objectivo. Porque um povo sem fé, sem raízes, sem tradição, é um povo facilmente controlável. Um povo que não acredita em nada superior a si mesmo acabará por acreditar em qualquer coisa. Um povo que esqueceu os seus antepassados e a sua

herança perderá também o futuro.

Os herdeiros da Promessa na Europa Ocidental foram sistematicamente atacados durante os últimos dois séculos precisamente porque representam o maior obstáculo aos planos das crias de Samael. Um povo consciente da sua herança bíblica, da sua identidade como descendentes espirituais (e em muitos casos biológicos) de Israel, um povo leal ao Ungido e às estruturas sociais por Ele ordenadas – tal povo é ingovernável pelos arquitectos da Nova Ordem Mundial.

Por isso a História teve de ser reescrita. Por isso ensinam-se às crianças que as revoluções foram movimentos libertadores do povo oprimido. Por isso a Vendeia foi apagada dos livros de História durante quase dois séculos. Por isso ridiculariza-se a monarquia tradicional como "tirania" e celebra-se a república como "liberdade" – quando a realidade histórica demonstra precisamente o oposto: as monarquias cristãs tradicionais, apesar dos seus defeitos, preservavam liberdades locais, corporações, comunidades orgânicas; as repúblicas revolucionárias implementaram centralizacão totalitária, destruíram comunidades intermediárias, e criaram Estados cada vez mais intrusivos e tirânicos.

Voltemos uma vez mais à Vendeia, porque há aspectos específicos do genocídio que merecem atenção detalhada. As "colonnes infernales" do general Turreau operavam segundo instruções precisas. Cada coluna, composta por cerca de 2.000 a 5.000 soldados, devia atravessar sistematicamente um sector específico da Vendeia, destruindo tudo. As ordens escritas especificavam: queimar todas as aldeias, florestas, bosques; confiscar todos os grãos e forragens; matar todo o gado; executar todos os habitantes encontrados.

Era terra arrasada absoluta. Mas não terra arrasada militar convencional, onde se destrói infraestrutura para negar recursos ao inimigo. Era terra arrasada genocida, onde o objectivo era tornar a própria terra inabitável, para que mesmo sobreviventes não pudessem regressar. Envenenavam poços, queimavam campos cultivados, abatiam rebanhos inteiros deixando os cadáveres a apodrecer. Era guerra contra a própria terra que os herdeiros da Promessa habitavam, numa tentativa de profanar e contaminar o solo santificado pela presença do povo de Cristo.

As testemunhas deixaram relatos horríveis. Um oficial republicano, Delamarre, escreveu: "Vi horrores que não deveria ter visto. Vi crianças massacradas sob as baionetas dos nossos soldados enquanto as suas mães fugiam gritando. Vi as cabeças de crianças ensartadas nas pontas das baionetas dos soldados enquanto marchavam." Outro testemunho, do general Haxo: "Aldeias inteiras são incendiadas. As mulheres são violadas e depois fuziladas. As crianças pequenas são esmagadas sob os cascos dos

cavalos."

Mas o mais chocante é que muitos destes relatos não são de críticos, mas dos próprios perpetradores, escrevendo orgulhosamente sobre as suas "façanhas". Haviam sido tão completamente doutrinados pela ideologia revolucionária que genuinamente acreditavam estar a fazer algo heróico e necessário. A lavagem cerebral ideológica transformara homens comuns em monstros capazes de massacrar bebés sem remorso.

E isto ilustra uma verdade psicológica profunda: quando se convence alguém de que está a servir uma causa suprema, de que está a construir um mundo melhor, de que os inimigos não são verdadeiramente humanos mas obstáculos ao progresso, esse alguém torna-se capaz de qualquer atrocidade. Os soldados revolucionários acreditavam genuinamente que os vendeanos eram "bandidos", "fanáticos", sub-humanos que impediam a marcha gloriosa da História rumo à liberdade, igualdade e fraternidade.

Liberdade? Dizem-vos isso enquanto implementam ditadura totalitária. Igualdade? Enquanto criam uma nova aristocracia de comissários revolucionários. Fraternidade? Enquanto afogam famílias inteiras no Loire. As palavras bonitas sempre escondem realidades horrendas.

Em Portugal, a mesma retórica libertária acompanhava a destruição sistemática da ordem tradicional. Os liberais proclamavam-se defensores do progresso contra o obscurantismo, da razão contra a superstição, do povo contra os tiranos. Mas quem realmente beneficiou das revoluções liberais? Não os camponeses, que perderam as terras comunais e os apoios das instituições religiosas. Não os artesãos, que viram as suas corporações dissolvidas e foram lançados na competição brutal do mercado livre. Não o povo comum, que trocou a estabilidade imperfeita da monarquia tradicional pela instabilidade crónica do parlamentarismo corrupto.

Beneficiaram os especuladores que compraram propriedades confiscadas, os financeiros que emprestaram dinheiro aos regimes endividados, os políticos profissionais que fizeram carreira na nova ordem, os intelectuais que justificavam ideologicamente o saque, e as redes internacionais que ganharam controlo sobre nações anteriormente independentes.

Observai Portugal hoje: uma república instável, permanentemente endividada, culturalmente desenraizada, demograficamente moribunda, governada por uma classe política corrupta e subserviente a interesses internacionais. Comparai com o Portugal de quinhentos, que conquistava o mundo, levando

a Cruz aos confins da Terra, estabelecendo um império onde o sol nunca se punha, cumprindo missão evangelizadora ordenada pelo próprio Cristo. De conquistadores do mundo a suplicantes na Europa, de missionários da fé a propagandistas do relativismo moral. Eis o fruto das revoluções "libertadoras".

Mas regressemos ao fio escatológico desta narrativa, porque é essencial compreender que não estamos apenas a discutir História política ou militar. Estamos a discutir a manifestação temporal da guerra espiritual eterna. O Apocalipse de São João não é apenas profecia sobre eventos futuros distantes; é revelação do padrão constante da guerra entre o Dragão e os santos.

Apocalipse 12 descreve o Dragão a fazer guerra contra "o resto da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho do Ungido". Quem são estes? São precisamente os fiéis que, através dos séculos, mantiveram a fé contra todas as perseguições. São os mártires das catacumbas romanas. São os cristãos massacrados pelos muçulmanos. São os albigenses, os valdenses, os huguenotes. São os vendeanos. São os miguelistas portugueses. São todos aqueles que recusaram adorar no altar do mundo e permaneceram fiéis ao Rei dos Reis.

E as crias de Samael? São os servidores conscientes ou inconscientes do Dragão. Desde que o Ungido identificou claramente em João 8:44 aqueles cujo pai é o diabo, o pai da mentira e homicida desde o princípio, a linha de batalha ficou traçada. As sinagogas de Satanás mencionadas em Apocalipse 2:9 e 3:9 não são meras metáforas; são realidades institucionais através dos séculos.

Estes servos do Príncipe das Trevas operam através de múltiplas frentes: filosófica (iluminismo, positivismo, materialismo), política (revolução, subversão, demolição de estruturas tradicionais), económica (usura, especulação, controlo financeiro), cultural (propaganda, degeneração moral, relativismo), e religiosa (heresias, cismas, infiltração). As revoluções francesa e portuguesa foram manifestações coordenadas desta guerra multifrontal.

Não é coincidência que ambas as revoluções atacaram precisamente os mesmos alvos, na mesma ordem, usando retórica quase idêntica. Primeiro, deslegitimação ideológica da monarquia e da Igreja através de décadas de propaganda filosófica. Segundo, crise financeira criada ou exacerbada para destabilizar o regime. Terceiro, mobilização de massas urbanas descontentes. Quarto, golpe político liderado por elites traidoras. Quinto, implementação de reformas radicais sob pretexto de necessidade. Sexto, resistência popular dos fiéis à revolução. Sétimo, repressão genocida da resistência. Oitavo, consolidação do novo regime através de terror e propaganda.

Este padrão repete-se com regularidade assustadora em todas as grandes revoluções: inglesa (1640s), francesa (1789), portuguesa (1820/1910), russa (1917), espanhola (1931), chinesa (1949). As especificidades locais variam, mas a estrutura profunda permanece idêntica. Isto sugere fortemente coordenação não meramente humana, mas espiritual. São manifestações localizadas de uma única guerra cósmica.

Os maçons, essas ferramentas úteis das crias de Samael, desempenham papel crucial como rede organizacional. As lojas maçónicas forneciam – e fornecem – infraestrutura comunicacional, ideológica e financeira para movimentos revolucionários. Não é teoria conspiratória; é História documentada. Os líderes da Revolução Francesa eram predominantemente maçons. Os revolucionários liberais portugueses de 1820 eram maçons. Os republicanos de 1910 eram maçons. Os bolcheviques russos tinham extensas ligações maçónicas.

A maçonaria apresenta-se como sociedade filantrópica dedicada a elevados ideais de fraternidade universal. Na prática, funciona como quinta-coluna dentro das nações cristãs, trabalhando sistematicamente pela demolição das estruturas tradicionais e pela implementação de agenda secular-humanista que é fundamentalmente anticristã. Os juramentos de sangue, os rituais secretos, a estrutura hierárquica oculta, tudo aponta para natureza religiosa da maçonaria – uma religião de mistérios que compete directamente com o cristianismo.

E não é insignificante que os graus superiores da maçonaria sejam explicitamente luciferianos. Albert Pike, autoridade maçónica do século XIX, escreveu no seu "Morals and Dogma": "Lúcifer, o Portador da Luz! Nome estranho e misterioso para dar ao Espírito das Trevas! Lúcifer, o Filho da Manhã! É ele quem traz a Luz?" Esta inversão diabólica – apresentar o Pai da Mentira como portador de iluminação – está no cerne da maçonaria e, por extensão, das revoluções que ela patrocina.

As revoluções apresentam-se como movimentos de iluminação, trazendo a luz da razão para dissipar as trevas da superstição. Mas a luz que trazem é a falsa luz de Lúcifer, que cega em vez de iluminar, que conduz ao abismo enquanto promete elevação. Os frutos históricos falam por si: onde quer que as revoluções triunfem, seguem-se morte em massa, destruição cultural, degradação moral e escravização das nações sob novas tiranias ainda mais opressivas que as antigas.

Considerai a França: antes da Revolução, uma grande nação católica, filha primogénita da Igreja,

potência cultural e militar europeia. Após a Revolução e suas sequelas, secularizada, revolucionariamente instável durante século e meio, demograficamente enfraquecida, hoje islamizada e cultural mente alienada das suas raízes cristãs. Considerai Portugal: antes das revoluções liberais, império global, missionário da fé, descobridor de mundos. Após as revoluções, imperio perdido, república instável e empobrecida, hoje apêndice irrelevante da Europa burocratizada.

Os vendeanos lutaram não apenas pela sobrevivência física, mas pela preservação de uma civilização. Sabiam, intuitivamente, que a Revolução não pretendia meramente mudar o governo, mas transformar radicalmente a própria natureza da sociedade, destruindo tudo o que era sagrado e tradicional. Por isso resistiram com desespero heroico. Por isso mulheres e crianças pegavam em armas quando os homens caíam. Por isso preferiam morrer a submeter-se.

E morreram aos milhares. As colunas infernais varrem metodicamente a região durante meses. Após a passagem das tropas revolucionárias, restavam apenas cinzas, cadáveres e silêncio. Testemunhas republicanas descreveram a Vendeia após as campanhas de extermínio como paisagem lunar, terra morta onde nada se movia excepto os corvos que se alimentavam dos cadáveres insepultos.

Houve heróis entre os vendeanos que merecem ser recordados. Henri de La Rochejaquelein, jovem nobre de apenas 21 anos que se tornou general do exército católico e real, proclamou às tropas: "Se avanço, segui-me; se recuo, matai-me; se morrer, vingai-me!" E morreu, com apenas 22 anos, traído e morto numa emboscada. François Charrette de La Contrie, outro líder vendeano, capturado e fuzilado em 1796, recusou venda nos olhos e comandou pessoalmente o pelotão de fuzilamento: "Vive le Roi!" foram as suas últimas palavras.

Houve mulheres guerreiras também. Jeanne Léger, camponesa que combateu vestida de homem. Renée Bordereau, que perdeu toda a família e jurou vingança, tornando-se lenda como "A Valente Angevina". Estas mulheres não lutavam por ideologia abstracta, mas por Deus, família e pátria – a trindade natural que os revolucionários procuravam destruir.

Do lado revolucionário, que heróis temos? Carrier, o afogador em massa. Turreau, o exterminador de crianças. Westermann, que se gabava de esmagar bebés. Robespierre, que enviava amigos de ontem para a guilhotina hoje. Saint-Just, o jovem fanático que transformou terror em sistema. Que galeria de monstros produziu a "liberdade, igualdade e fraternidade"!

A Vendeia foi finalmente pacificada não pela vitória militar, mas pelo esgotamento através de genocídio. Simplesmente não restavam vendeanos suficientes para continuar a luta. Os sobreviventes, traumatizados e dispersos, submeteram-se. A região levou gerações para recuperar demograficamente. E mesmo hoje, mais de dois séculos depois, a Vendeia permanece distintamente católica e conservadora, preservando memória ancestral do martírio.

Portugal conheceu seus próprios mártires durante os períodos revolucionários, embora menos publicitados. Padres assassinados durante as invasões francesas cujos nomes se perderam. Religiosos mortos durante as revoluções liberais. O próprio rei D. Carlos e o príncipe herdeiro Luís Filipe, assassinados em 1908 por carbonários (organização terrorista ligada à maçonaria) – prelúdio da revolução republicana de 1910.

O regicídio de 1908 é particularmente revelador. Não foi acto de desespero espontâneo, mas operação cuidadosamente planeada pela rede revolucionária. Os assassinos, Alfredo Costa e Manuel Buíça, eram carbonários ligados a grupos republicanos e maçónicos. Após o assassinato, foram imediatamente elevados a heróis pela propaganda republicana. Quando a República foi proclamada dois anos depois, foram oficialmente honrados como mártires da liberdade. Assassinos transformados em heróis nacionais – eis a inversão moral característica das revoluções.

D. Carlos, apesar das suas falhas pessoais, era o ungido de Deus, o rei legítimo. O seu assassinato não foi apenas homicídio político, mas sacrilégio. E os frutos do regicídio? A República portuguesa, instável desde o início, passou por 45 governos em apenas 16 anos (1910-1926), afundou-se em dívidas, perseguiu a Igreja ferozmente, envolveu-se desastrosamente na Primeira Guerra Mundial, e culminou em ditadura militar em 1926. Tanto pela "liberdade" republicana!

A Primeira Guerra Mundial merece menção aqui, porque foi em muitos aspectos a colheita sangrenta das sementes revolucionárias plantadas no século XIX. As monarquias cristãs remanescentes da Europa destruíram-se mutuamente numa guerra fratricida insana, enquanto as forças revolucionárias esperavam nas sombras para herdar as ruínas. E herdaram: o império russo caiu sob o bolchevismo, o império austro-húngaro foi desmembrado, o império alemão transformado em república instável que eventualmente produziu o nazismo, o império otomano colapsou.

Apenas as repúblicas revolucionárias – França e Inglaterra (monarquia constitucional de fachada, mas revolucionária na essência desde 1688) – emergiram "vitoriosas". E que fizeram com a vitória? Impuseram ordem mundial liberal baseada em princípios revolucionários: autodeterminação nacional

(destruição de impérios multinacionais tradicionais), democracia parlamentar (substituição de monarquias legítimas), secularismo (marginalização da Igreja), e ordem financeira internacional (controlo por banqueiros).

A Liga das Nações, precursora da ONU, foi tentativa de criar governo mundial baseado em princípios revolucionários. Fracassou, mas estabeleceu o precedente. A Segunda Guerra Mundial forneceria pretexto para segunda tentativa, desta vez bem-sucedida: a Organização das Nações Unidas, verdadeiro parlamento mundial das crias de Samael, de onde emanam constantemente resoluções e convenções destinadas a corroer ainda mais as últimas resistências da civilização cristã tradicional.

Mas regressemos ao século XVIII e à conexão entre as revoluções. A ideologia revolucionária foi cuidadosamente preparada durante as décadas precedentes através do chamado Iluminismo. Os filosofistas franceses – Voltaire, Rousseau, Diderot, D'Alembert e seus camaradas – não eram pensadores independentes surgidos espontaneamente. Eram, em muitos casos, financiados por patronos ricos, frequentemente ligados a redes financeiras internacionais.

Voltaire, o mais venenoso destes serpentes intelectuais, dedicou vida inteira a atacar Cristo e a Sua Igreja. "Écrasez l'infâme!" ("Esmagai a infame!") era o seu grito de guerra, referindo-se à Igreja Católica. Os seus escritos, distribuídos amplamente através de redes maçónicas, envenenaram duas gerações de europeus educados. Rousseau, com o seu "Contrato Social", forneceu justificação teórica para tirania democrática. A "vontade geral" de Rousseau tornar-se-ia legitimação para o Terror: tudo é permitido em nome desta vontade abstracta, interpretada convenientemente pelos líderes revolucionários.

Estes venenos ideológicos foram importados para Portugal através dos estrangeirados – intelectuais portugueses que estudavam em França e regressavam contaminados. As academias, as sociedades literárias, os salões intelectuais tornaram-se centros de difusão das ideias revolucionárias. O Marquês de Pombal, embora servindo monarquia absolutista, introduziu reformas inspiradas no despotismo esclarecido que minavam fundações tradicionais. A expulsão dos jesuítas em 1759 foi golpe severo contra a Igreja e contra a educação tradicional.

Os jesuítas, apesar de todas as suas falhas humanas, eram espinha dorsal da educação católica e da resistência intelectual à maré secular. A sua expulsão de Portugal, França, Espanha e eventualmente a sua supressão temporária pelo Papa (sob pressão das cortes borbónicas) em 1773, representou vitória estratégica das forças anti-cristãs. Criou vácuo educacional que foi preenchido por ideias iluministas.

Aqui vemos novamente conexão entre Portugal e França: ambos expulsaram os jesuítas nas mesmas décadas, sob pressão das mesmas redes de influência, preparando terreno ideológico para as futuras revoluções. Os padrões repetem-se porque emanam de fonte única.

As lojas maçónicas proliferavam em ambos os países durante o século XVIII. Em França, praticamente toda a elite intelectual e política estava envolvida na maçonaria antes da Revolução. O próprio duque de Orléans, primo do rei Luís XVI e traidor da sua linhagem, era Grão-Mestre da maçonaria francesa. Financiou a propaganda revolucionária e apoiou os jacobinos, na esperança de herdar o trono. Em vez disso, foi eventualmente guilhotinado pelos monstros que ajudara a criar – ironia deliciosa da História.

Em Portugal, a maçonaria estabeleceu-se firmemente no final do século XVIII e início do XIX. As invasões francesas trouxeram influxo de maçons franceses que recrutaram portugueses. Após 1820, a maçonaria portuguesa tornou-se praticamente sinónimo do movimento liberal. Todas as principais figuras liberais eram maçons confessos.

A maçonaria fornecia infraestrutura organizacional que partidos políticos normais não podiam igualar. Era rede internacional, com ligações financeiras, capacidade de comunicação secreta, hierarquia disciplinada, e ideologia partilhada. Um revolucionário maçon de Lisboa podia viajar para Londres ou Paris e encontrar apoio imediato das lojas locais. Este internacionalismo revolucionário era arma poderosa contra monarquias tradicionais que, apesar das ligações dinásticas, frequentemente se digladiavam entre si.

E aqui chegamos a um paradoxo aparente: as monarquias cristãs europeias, que deveriam estar unidas pela fé comum e pela defesa da civilização cristã, passaram os séculos XVII e XVIII a guerrear mutuamente em conflitos dinásticos mesquinhos. Enquanto isso, as redes revolucionárias trabalhavam pacientemente, coordenadamente, internacionalmente, preparando a demolição de todas elas.

Quando finalmente a Revolução explodiu em França, as monarquias estrangeiras inicialmente tentaram intervir. A Áustria e a Prússia declararam guerra à França revolucionária em 1792. Mas o fizeram de forma hesitante, dividida, sempre preocupadas com as suas rivalidades mútuas. Esta incapacidade de união contra inimigo comum permitiu que a França revolucionária não apenas sobrevivesse, mas eventualmente conquistasse grande parte da Europa sob Napoleão.

Napoleão é figura complexa nesta narrativa. Por um lado, restaurou algumas estruturas tradicionais: assinou Concordata com a Igreja, reinstaurou códigos legais, coroou-se imperador. Por outro lado, permaneceu filho da Revolução, espalhando código napoleónico (baseado em princípios revolucionários) por toda a Europa, destruindo o Sacro Império Romano-Germânico (último resíduo formal da cristandade medieval unida), e atacando o Papa.

As invasões napoleónicas de Portugal e Espanha foram particularmente significativas. A península ibérica era um dos bastiões mais conservadores e católicos da Europa. Precisava ser conquistada e transformada. As guerras peninsulares (1807-1814) foram, na superfície, conflitos militares entre França e coligação anglo-portuguesa-espanhola. Na profundidade, eram guerra ideológica entre revolução e tradição.

Os guerrilheiros espanhóis e os populares portugueses que resistiram aos franceses não lutavam primariamente por nacionalismo moderno (conceito ainda incipiente), mas por fé e rei. Os gritos de batalha eram "Viva a Virgem!" e "Viva o Rei!" As atrocidades cometidas pelos soldados franceses contra populações civis – documentadas graficamente nas horríveis gravuras de Goya – não eram meramente brutalidade militar comum, mas reflectiam o ódio ideológico revolucionário contra o povo católico.

Quando finalmente Napoleão caiu e o Congresso de Viena (1814-1815) tentou restaurar ordem europeia, era tarde demais. As ideias revolucionárias haviam-se espalhado irreversivelmente. A Santa Aliança, tentativa das monarquias russas, austríacas e prussianas de preservar ordem tradicional, foi sabotada desde o início pela Inglaterra, que já adoptara suficiente ideologia liberal para considerar restauração absoluta inaceitável.

E aqui vemos papel crítico da Inglaterra nesta saga. A "Revolução Gloriosa" inglesa de 1688 foi, em muitos aspectos, precursora da Revolução Francesa. Guilherme de Orange, financiado por banqueiros holandeses e ingleses, depôs o rei legítimo Jaime II e estabeleceu monarquia constitucional onde o Parlamento (controlado por oligarquia aristocrático-financeira) detinha poder real. A Declaração de Direitos de 1689 estabeleceu muitos princípios que depois reapareceriam nas constituições revolucionárias.

A Inglaterra, portanto, foi laboratório onde se testaram técnicas revolucionárias que depois seriam aplicadas em escala continental. E a Inglaterra apoiou consistentemente movimentos liberais no continente durante o século XIX, incluindo os liberais portugueses. Não por altruísmo, mas porque regimes liberais endividados eram mais facilmente controláveis por interesses financeiros britânicos do

que monarquias absolutas tradicionais.

Portugal tornou-se, com efeito, semi-protectorado britânico após as guerras napoleónicas. Os tratados comerciais favoreciam enormemente a Inglaterra. A presença militar britânica em Portugal durante as guerras criara dependência. Quando eclodiu a guerra civil entre liberais e absolutistas, a Inglaterra apoiou decisivamente os liberais, fornecendo-lhes apoio naval e financeiro crucial. D. Pedro IV (D. Pedro I do Brasil), líder dos liberais, estava profundamente ligado a redes maçónicas e tinha apoio britânico.

A vitória liberal em Portugal em 1834 foi, portanto, vitória da agenda revolucionária internacional tanto quanto acontecimento doméstico português. E os resultados foram previsíveis: instabilidade política crónica, endividamento crescente, perda de influência internacional, conflitos sectários incessantes, e lenta agonia da nação.

A extinção das ordens religiosas em 1834 merece análise mais detalhada, porque exemplifica perfeitamente o carácter anti-cristão da revolução liberal. Não foi medida administrativa racional; foi ataque ideológico. As ordens religiosas desempenhavam funções sociais insubstituíveis: educação (os jesuítas, oratorianos, congregações docentes), saúde (ordens hospitalares), caridade (franciscanos, mercedários), agricultura (cistercienses, beneditinos), e preservação cultural (beneditinos, cónegos regrantes).

Ao extinguir estas ordens, confiscar as suas propriedades e dispersar os seus membros, os liberais não apenas atacaram a Igreja; destruíram infraestrutura social. As escolas conventuais foram fechadas; quem educaria as crianças? Os hospitais religiosos foram encerrados; quem cuidaria dos doentes? Os asilos foram abolidos; quem alimentaria os pobres? A resposta liberal era: o Estado. Mas o Estado liberal português, cronicamente falido e desorganizado, nunca conseguiu substituir adequadamente as instituições religiosas que destruíra.

O resultado foi empobrecimento cultural e social. A taxa de alfabetização, que crescera lentamente sob o ensino religioso, estagnou. Os cuidados de saúde deterioraram-se. Os pobres, que encontravam refúgio nas instituições religiosas, ficaram abandonados. Mas aos liberais não interessava realmente o bem-estar do povo; interessava-lhes destruir o poder da Igreja e apoderar-se das suas riquezas.

As propriedades confiscadas – vastas extensões de terra, edifícios urbanos, obras de arte, bibliotecas, arquivos – foram vendidas em hasta pública a preços irrisórios. Os compradores eram, previsivelmente,

especuladores ligados ao regime liberal, comerciantes estrangeiros (especialmente ingleses), e membros da nova burguesia liberal. Foi transferência massiva de riqueza da Igreja (que a utilizava para fins comunitários, apesar das inevitáveis falhas humanas) para especuladores privados (que a utilizavam exclusivamente para lucro pessoal).

As bibliotecas conventuais, repositórios de séculos de saber acumulado, foram dispersas ou destruídas. Manuscritos medievais preciosos desapareceram no mercado de antiguidades ou foram literalmente utilizados como papel de embrulho. Códices iluminados, documentos históricos, arquivos genealógicos – património incalculável foi perdido por negligência criminosa ou destruição deliberada.

E porquê esta fúria especial contra documentos históricos e genealógicos? Porque documentavam a continuidade histórica dos povos ibéricos desde tempos imemoriais, incluindo conexões com as antigas migrações dos herdeiros da Promessa. Porque provavam a legitimidade das linhagens reais e nobiliárquicas. Porque atestavam propriedade legítima de terras e direitos. Porque preservavam memória histórica que os revolucionários queriam apagar para mais facilmente impor a sua narrativa fabricada de "progresso" contra "obscurantismo".

Este padrão de destruição de arquivos repete-se em todas as revoluções. Os revolucionários franceses queimaram arquivos nobiliárquicos e eclesiásticos sistematicamente. Os bolcheviques destruíram ou falsificaram registos históricos massivamente. Os maoístas, durante a Revolução Cultural, demoliram templos milenares e queimaram livros antigos aos milhões. Não é vandalismo irracional; é apagar deliberado da memória colectiva, para criar "homem novo" desenraizado, sem passado, perfeitamente maleável.

Na Vendeia, após o genocídio, os revolucionários tentaram literalmente apagar a região do mapa. Planos foram propostos para renomear a área, repovoá-la com colonos revolucionários, e obliterar qualquer memória do que ali sucedera. Felizmente, estes planos extremos não se concretizaram completamente, mas a intenção era clara: não apenas matar os vendeanos, mas apagar a sua própria existência histórica.

Durante o século XIX, a Vendeia foi efectivamente apagada da historiografia francesa oficial. Os manuais escolares não a mencionavam, ou apresentavam-na como mera revolta de camponeses ignorantes manipulados por padres fanáticos e nobres ambiciosos. A realidade – genocídio deliberado de população católica por regime revolucionário – era cuidadosamente ocultada. Apenas no final do século XX, graças a historiadores corajosos como Reynald Secher, a verdade começou a emergir.

E mesmo hoje, a história completa da Vendeia permanece controversa em França. Propostas de reconhecimento oficial do genocídio enfrentam resistência feroz de sectores que ainda veneram a Revolução Francesa como acontecimento fundador da modernidade. Admitir o genocídio vendeano implicaria questionar a legitimidade moral da própria Revolução – e isso, para os republicanos franceses, é anatema impensável.

Em Portugal, processo similar ocorreu: as guerras civis do século XIX, as perseguições religiosas, os massacres de católicos e monarquistas foram minimizados ou ignorados pela historiografia republicana. D. Miguel, o rei absolutista, foi transformado em vilão da narrativa oficial, enquanto os liberais foram heroicizados. Apenas recentemente começam a aparecer estudos mais equilibrados.

Mas a verdade histórica, embora possa ser suprimida temporariamente, eventualmente emerge. Os documentos sobrevivem em arquivos obscuros. As memórias persistem em tradições orais. Os descendentes dos massacrados preservam as histórias. E quando investigadores honestos se debruçam sobre as fontes primárias, descobrem realidades que contradizem frontalmente as narrativas oficiais.

Agora, aprofundemos um pouco mais a dimensão escatológica desta análise. O Livro de Daniel, especialmente os capítulos 2, 7 e 8, apresenta visão profética da sucessão de impérios mundiais. A interpretação tradicional cristã identifica estes impérios como Babilónia, Média-Pérsia, Grécia e Roma. O Império Romano, segundo esta interpretação, nunca verdadeiramente caiu; transformou-se na civilização cristã europeia.

As monarquias cristãs da Europa eram, neste entendimento, sucessoras legítimas de Roma – não da Roma pagã imperial, mas da Roma cristianizada, santificada pela conversão de Constantino e pelo estabelecimento do cristianismo como religião oficial. O Sacro Império Romano-Germânico, apesar das suas limitações práticas, representava simbolicamente esta continuidade.

Quando Napoleão dissolveu o Sacro Império em 1806, não era mero acto político; era golpe simbólico contra a própria ideia de cristandade unida. E não por coincidência, os revolucionários franceses haviam previamente abolido o calendário cristão (1793), substituindo-o por calendário revolucionário que começava no "Ano I da República" – tentativa blasfema de reiniciar a História, apagando o Ungido e estabelecendo nova era.

As revoluções, portanto, não visavam apenas mudar governos ou sistemas económicos. Visavam estabelecer ordem mundial radicalmente nova, baseada em princípios anti-cristãos: soberania popular em vez de soberania divina, direitos do homem em vez de lei divina, razão autónoma em vez de revelação, progresso material em vez de salvação espiritual. Era, e é, tentativa de construir Torre de Babel moderna.

E como Babel original, está destinada ao fracasso. Mas causará imenso sofrimento no processo. Já causou: os três séculos desde o início das revoluções liberais testemunharam guerras mundiais catastróficas, genocídios em escala industrial, totalitarismos sem precedentes, degradação moral acelerada, e destruição espiritual de civilizações inteiras.

Os herdeiros da Promessa na Europa Ocidental – aqueles povos que, segundo a perspectiva anglo-israelita, ibero-israelita e franco-israelita, são descendentes das tribos perdidas de Israel – têm sido alvo especial desta guerra porque representam o maior obstáculo aos planos globalistas das crias de Samael. Um povo consciente da sua herança bíblica, fiel ao Ungido, enraizado em tradições milenares, organizado em estruturas sociais orgânicas, é ingovernável pelos arquitectos da Nova Ordem Mundial.

Por isso, durante séculos, estes povos têm sido sistematicamente atacados: ideologicamente (iluminismo, liberalismo, socialismo), politicamente (revoluções, guerras civis), militarmente (guerras mundiais), economicamente (endividamento, exploração), e culturalmente (propaganda, degeneração). O objectivo é sempre o mesmo: desenraizar, atomizar, confundir, enfraquecer, e finalmente subjugar completamente.

As monarquias cristãs, apesar de todas as suas imperfeições humanas, representavam obstáculo institucional a este projecto. Por isso tinham de ser demolidas. E foram, uma por uma, ao longo dos séculos XIX e XX. Hoje, as monarquias remanescentes na Europa são constitucionais, ou seja, decorativas – reis e rainhas que reinam mas não governam, símbolos esvaziados de poder real, mantidos apenas porque já não representam ameaça.

A demolição das monarquias caminhou lado a lado com a secularização forçada das sociedades. A Igreja, progressivamente marginalizada, perdeu influência social. A educação foi secularizada. As festas religiosas foram substituídas por feriados seculares. O casamento religioso perdeu primazia legal para o casamento civil. Divórcio, contracepção, aborto, eutanásia – todas as protecções morais tradicionais foram demolidas sistematicamente.

E hoje, no século XXI, chegamos à fase final: a própria definição de homem e mulher está a ser desconstruída. O género é declarado "fluido". O casamento é redefinido para incluir uniões anti-naturais. Crianças são expostas a propaganda sexual desde idades ternas. A família tradicional é atacada como "patriarcal" e "opressiva". A natalidade desplomba. Nações inteiras estão a morrer demograficamente.

Isto é coincidência? Ou é resultado lógico e previsível de séculos de revolução contra Deus? Quando se rejeita o Criador, quando se proclama autonomia humana absoluta, quando se substitui lei divina por vontade humana, não há limite lógico para a descida ao abismo. Se Deus não define o que é certo e errado, então tudo é permitido. Se Deus não define o que é homem e mulher, então eu posso definir-me como quiser. Se Deus não é soberano, então eu sou soberano. Eis a essência da rebelião luciferiana, repetida agora em escala civilizacional.

A Vendeia, vista sob esta luz, foi combate de retaguarda heroico mas em última análise fadado ao fracasso numa guerra que já estava essencialmente perdida. Os vendeanos lutaram bravamente, mas eram pequena região contra poder consolidado de Estado revolucionário que controlava recursos de uma das nações mais poderosas da Europa. A sua derrota era previsível. Mas a sua resistência tinha valor moral absoluto: testemunharam a verdade quando quase todos se tinham curvado à mentira.

E aqui reside lição crucial para os nossos tempos: a vitória temporal não é o critério da verdade. Os mártires cristãos no Coliseu romano não "venceram" quando eram devorados por leões; mas testemunharam a verdade, e o seu testemunho (martírio significa precisamente "testemunho") acabou por converter o próprio império que os matava. Os vendeanos não venceram militarmente; mas testemunharam valores eternos contra utopia sanguinária.

Em Portugal, os miguelistas derrotados preservaram, nas suas aldeias do interior, uma memória de catolicismo tradicional e monarquismo legítimo que sobreviveu através das gerações. Mesmo hoje, século e meio depois, há diferenças mensuráveis entre regiões que foram miguelistas e regiões que foram liberais. As primeiras preservaram maior religiosidade, estruturas familiares mais tradicionais, e mentalidade menos revolucionada.

Isto demonstra que as batalhas culturais e espirituais têm impactos duradouros. As escolhas feitas por nossos antepassados reverberam através das gerações. Aqueles que permaneceram fiéis, mesmo derrotados, transmitiram essa fidelidade aos descendentes. Aqueles que abraçaram a revolução

transmitiram essa traição.

E aqui chegamos ao ponto crucial: a guerra não terminou. Não foi batalha única, concluída no século XIX. É guerra perpétua entre duas cidades, como Santo Agostinho explicou: Cidade de Deus vs. Cidade do Homem. Esta guerra prossegue através de todas as eras, assumindo formas diferentes mas mantendo essência idêntica.

No século XVIII-XIX, manifestou-se como Revoluções liberal-maçónicas contra monarquias cristãs. No século XX, como totalitarismos comunistas e fascistas contra civilização cristã. No século XXI, manifesta-se como globalismo progressista contra o que resta da ordem tradicional. Os rostos mudam, mas o espírito permanece o mesmo: rebelião contra Deus, tentativa de construir paraíso terrestre sem Ele, perseguição daqueles que se recusam a adorar no altar secular.

Os vendeanos de hoje não pegam em armas físicas (ainda), mas travam batalhas não menos importantes: pela vida dos não-nascidos contra aborto industrial, pela família natural contra ideologia de género, pela soberania nacional contra globalismo, pela fé contra secularismo militante. E são vilipendiados exactamente como os vendeanos originais: como "reaccionários", "fanáticos", "obscurantistas", "inimigos do progresso".

As técnicas de propaganda são as mesmas: deslegitimação moral dos tradicionalistas, apresentando-os como motivados por ódio em vez de amor à verdade; desumanização, apresentando-os como perigos para a sociedade; marginalização económica e social, através de censura e ostracismo; e, quando necessário, uso de força estatal contra eles.

Já vemos isto acontecer: pais que se opõem a ideologia de género nas escolas são investigados por serviços sociais; cristãos que citam a Bíblia sobre moralidade sexual são processados por "discurso de ódio"; negócios que recusam participar em cerimónias contrárias à sua fé são multados e fechados; médicos que se recusam a realizar abortos são forçados a mudar de profissão.

Isto é perseguição. Não ainda na escala da Vendeia ou das arenas romanas, mas perseguição inequívoca. E piorará. A lógica totalitária, uma vez desencadeada, não para voluntariamente. Escala sempre, exigindo cada vez maior conformidade, tolerando cada vez menos dissidência, até que finalmente chegamos ao ponto de "converter-te ou morrer".

A História das revoluções francesa e portuguesa não é, portanto, mera curiosidade antiquária. É prólogo do nosso presente e aviso do nosso futuro. As forças que massacraram os vendeanos não desapareceram; recolheram-se, reorganizaram-se, adaptaram-se, e agora avançam novamente, desta vez à escala global.

A Nova Ordem Mundial de que tanto se fala não é fantasia conspiratória; é projecto abertamente declarado por líderes políticos, financeiros e culturais há décadas. Ordem mundial baseada em governo global, moeda única, vigilância total, controlo populacional, relativismo moral absoluto, e marginalização completa do cristianismo tradicional. É, em essência, ressurgimento da tentativa revolucionária dos séculos XVIII-XIX, agora equipada com tecnologia incomparavelmente mais poderosa.

E contra isto, que resistência pode haver? Humanamente falando, parece impossível. As forças globalistas controlam governos, bancos centrais, corporações multinacionais, media, universidades, agências internacionais. Têm recursos virtualmente ilimitados. Coordenam-se globalmente. Avançam inexoravelmente.

Mas humanamente falando, também era impossível que doze pescadores iletrados convertessem o Império Romano. Era impossível que camponeses vendeanos derrotassem (mesmo que temporariamente) exércitos profissionais republicanos. Era impossível que David derrotasse Golias. No entanto, aconteceu.

Porque não estamos em guerra meramente humana. "Não é contra carne e sangue que temos de lutar, mas contra os principados e as potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra os espíritos malignos espalhados pelos ares" (Efésios 6:12). Esta é guerra espiritual, onde resultado final já está determinado: "Vi também a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército. Mas a besta foi presa, e com ela o falso profeta... Ambos foram lançados vivos no lago de fogo" (Apocalipse 19:19-20).

A vitória final pertence ao Ungido e aos Seus fiéis. Mas isto não significa que o caminho até lá seja fácil. Apocalipse descreve perseguição intensa dos santos nos últimos tempos. Descreve guerra contra eles, e vitória aparente temporária da besta. Muitos serão martirizados. "Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé" (Apocalipse 14:12).

Os vendeanos foram mártires desta guerra contínua. Os católicos portugueses perseguidos foram mártires. Os cristãos executados pelos comunistas foram mártires. E haverá mais mártires. Mas cada gota de sangue de mártir é semente de futura colheita. "O sangue dos mártires é semente da Igreja", disse Tertuliano, e a História prova-o repetidamente.

Por isso, a reflexão sobre a Vendeia e sobre as revoluções em Portugal e França não é exercício mórbido de recordar horrores passados. É preparação espiritual e intelectual para os combates presentes e futuros. É aprender com os heróis e mártires do passado como permanecer fiel em tempos de apostasia universal. É compreender as táticas do inimigo para melhor resistir.

E acima de tudo, é recordar que a batalha não é nossa, mas de Deus. "Não temais nem vos assusteis por causa desta grande multidão, pois a peleja não é vossa, mas de Deus" (2 Crónicas 20:15). A nossa tarefa não é garantir vitória temporal (que pode ou não vir), mas permanecer fiéis, testemunhar a verdade, e transmitir a fé à próxima geração, aconteça o que acontecer.

Os vendeanos fizeram precisamente isto. Mesmo perante derrota esmagadora, mesmo perante genocídio, permaneceram fiéis. Recusaram-se a submeter-se aos padres constitucionais. Recusaram-se a renegar o rei legítimo. Recusaram-se a aceitar a nova ordem revolucionária. E por isso foram exterminados fisicamente. Mas venceram espiritualmente. A sua memória, embora suprimida durante séculos, finalmente emergiu. E hoje, os vendeanos são reconhecidos como mártires e heróis, enquanto os seus perseguidores são (pelos que ainda têm olhos para ver) reconhecidos como monstros genocidas.

A Verdade pode ser crucificada, mas ressuscita sempre ao terceiro dia. Pode ser suprimida, mas nunca definitivamente destruída. E no final dos tempos, toda a verdade será revelada, toda a mentira exposta, e a justiça finalmente reinará.

Até lá, permaneçamos fiéis. Estudemos a História verdadeira, não a propaganda. Compreendamos as táticas do inimigo. Fortaleçamos a nossa fé. Enraizemo-nos nas tradições dos nossos antepassados. Transmitamos a herança aos nossos filhos. Resistamos, intelectual e espiritualmente, à maré revolucionária. E preparemo-nos para testemunhar, custe o que custar.

Como os vendeanos gritavam quando carregavam em combate: "Deus e o Rei!" – assim também nós devemos gritar, metaforicamente ou literalmente, na nossa época. Deus, o Criador Todo-Poderoso, fonte de toda a autoridade e verdade. E o Rei – o Rei dos Reis, Cristo, o Ungido, verdadeiro soberano a quem

devemos lealdade absoluta, e sob Ele, as estruturas legítimas de autoridade que Ele estabeleceu.

A monarquia terrena é símbolo imperfeito da monarquia celestial. Por isso os revolucionários odeiam-na tanto: destrói-se o símbolo para atacar a realidade simbolizada. Decapita-se o rei terreno num ritual de rebelião contra o Rei Celestial. Mas o Rei Celestial não pode ser decapitado. E voltará em glória para julgar vivos e mortos, destruir os Seus inimigos, e estabelecer o Seu Reino definitivo.

Essa é a nossa esperança, a nossa consolação, e a nossa certeza. Não baseada em otimismo humano ou ideologia política, mas em promessa divina registada nas Escrituras e atestada pela História providencial. Deus age na História. Não como os homens esperam ou desejariam, não segundo cronogramas humanos, mas segundo Seu plano eterno que se desenrola inexoravelmente.

As revoluções parecem triunfar. Os ímpios parecem prosperar. Os fiéis parecem derrotados. Mas "parece" não é "é". A aparência temporal não é a realidade eterna. E é à luz da eternidade que devemos julgar tudo.

Julgados pela eternidade, os vendeanos massacrados são victoriosos e gloriosos. Os revolucionários que os massacraram são derrotados e amaldiçoados. Julgados pela eternidade, os monges e freiras expulsos dos conventos portugueses são heroicos mártires. Os liberais que os expulsaram são traidores da fé e da pátria. Julgados pela eternidade, as monarquias cristãs tradicionais, apesar de todos os defeitos, eram infinitamente superiores às repúblicas revolucionárias que as substituíram.

E é por isto – por esta perspectiva eterna que relativiza e julga corretamente as perspectivas temporais – que as crias de Samael e os seus lacaios maçónicos odeiam tanto o Cristianismo tradicional. Porque expõe as suas mentiras, deslegitima os seus projectos, e anuncia o seu julgamento vindouro.

Por isso atacaram tão ferozmente na Vendeia. Por isso perseguiram tão implacavelmente em Portugal. Por isso continuam a atacar hoje. Não podem permitir que permaneça viva uma cosmovisão que os condena absolutamente. Têm de extingui-la completamente ou pelo menos marginalizá-la totalmente.

Mas não conseguirão. Cristo prometeu: "As portas do inferno não prevalecerão contra a Minha Igreja" (Mateus 16:18). Não prometeu que não haveria perseguição – avisou que haveria. Não prometeu triunfo temporal constante – predisse tribulação. Mas prometeu vitória final e definitiva. E Ele não pode mentir.

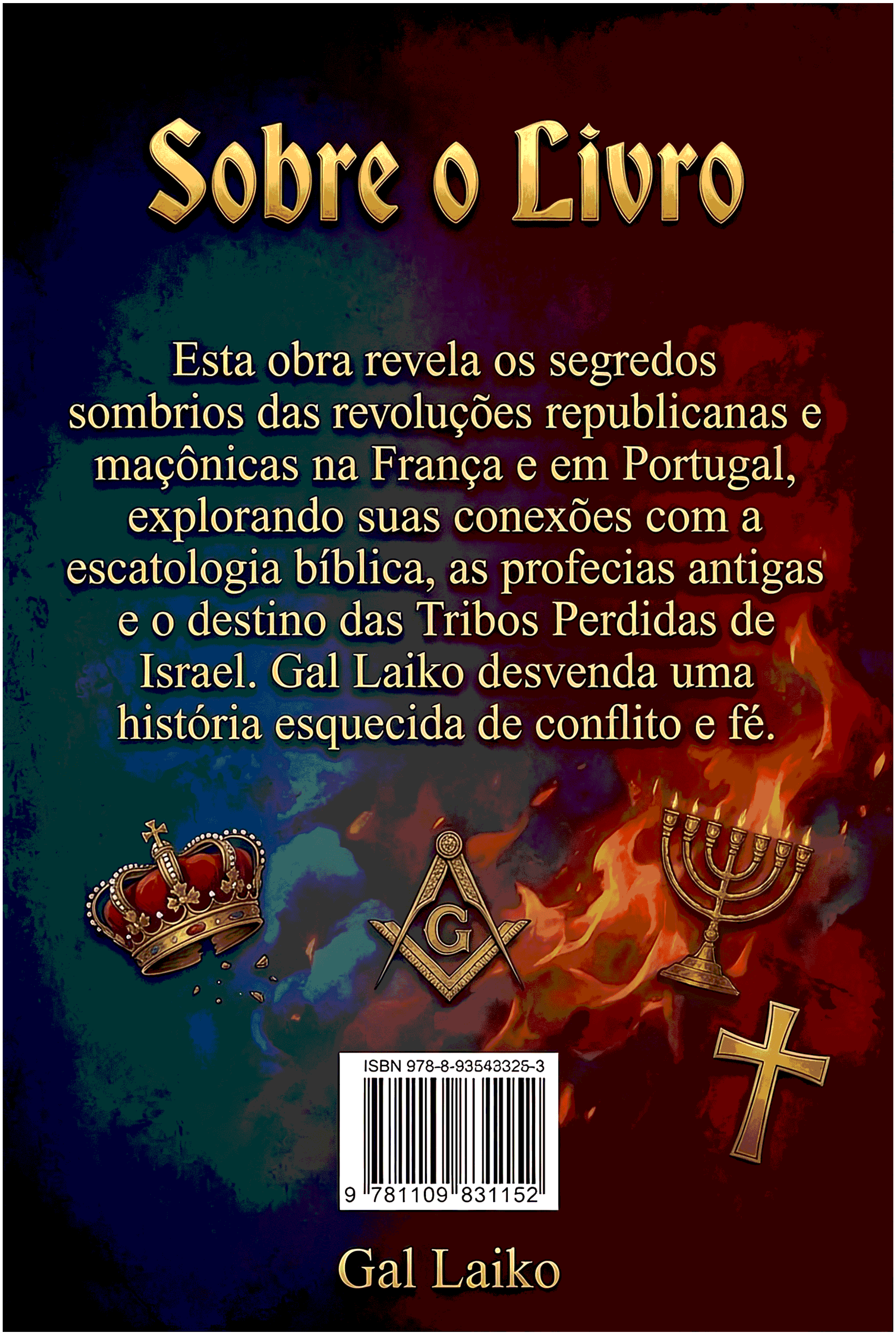
Portanto, estudemos a Vendeia não para desesperar, mas para nos preparar e inspirar. Estudemos as revoluções não para nos resignar, mas para compreender e resistir. E permaneçamos fiéis, aconteça o que acontecer, sabendo que "o que sofre temporariamente não tem proporção com a glória que há-de ser revelada em nós" (Romanos 8:18).

Os vendeanos caídos despertarão na ressurreição para receberem a sua recompensa. Os seus perseguidores despertarão para receberem o seu julgamento. E nesse dia, toda a História será finalmente compreendida correctamente, toda a injustiça será rectificada, e toda a lágrima será enxugada dos olhos dos que permaneceram fiéis.

Até esse dia glorioso: resistência, fidelidade, e esperança inabalável. Essa foi a lição da Vendeia. Essa é a nossa herança. Essa deve ser a nossa prática.

Deus e o Rei! Viva Cristo Rei! E abaixo a tirania revolucionária, ontem, hoje e sempre.

Amen.


Sobre o Livro
Esta obra revela os segredos sombrios das revoluções republicanas e maçônicas na França e em Portugal, explorando suas conexões com a escatologia bíblica, as profecias antigas e o destino das Tribos Perdidas de Israel. Gal Laiko desvenda uma história esquecida de conflito e fé.
G
ISBN 978-8-93543325-3
9 781109 831152
Gal Laiko